

MEMÓRIA DA DESTRUIÇÃO

RIO - UMA HISTÓRIA QUE SE PERDEU

(1889-1965)





MEMÓRIA DA DESTRUIÇÃO

RIO - UMA HISTÓRIA QUE SE PERDEU

(1889-1965)



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

SECRETARIA DAS CULTURAS

ARQUIVO DA CIDADE

2002

UM OLHAR OBSERVADOR

A Prefeitura do Rio, através da Secretaria das Culturas / Arquivo da Cidade, cumpre uma agradável missão: trazer para a atualidade visões do passado, em que o Rio de Janeiro era, certamente, uma cidade bem distinta, na qual o cotidiano de seus habitantes se desenvolvia num ritmo diferente.

Um olhar observador permite entrever o quanto a Cidade foi modificada pelas diversas intervenções urbanas nesses 70 anos. Imagens que se sucedem no tempo e no espaço revelam aos cariocas o que os mais jovens sequer supunham ter existido e o que os mais vividos conheceram. A exposição **Memória da Destruição: Rio - uma história que se perdeu** tem o mérito de fazer aflorar uma encantadora viagem a um Rio de Janeiro que já não existe, de modo reflexivo e prospectivo. Sem estabelecer juízos de valor com relação à necessidade ou não dessa ou daquela reforma, procura traçar, em um amplo painel - que enfoca as obras de Pereira Passos, o desmonte do Morro do Castelo, a abertura da Presidente Vargas, a redução do espelho d'água da Lagoa Rodrigo de Freitas e as ruas outrora bucólicas dos bairros de Copacabana, Ipanema e Leblon -, a trajetória da construção / desconstrução da paisagem natural e edificada de nossa cidade.

Hoje, a Prefeitura do Rio e a sociedade se voltam para questões como a garantia da qualidade de vida da população e a preservação do seu patrimônio cultural, ambiental e afetivo, questões que, felizmente, atualmente têm prioridade sobre aquelas propostas pelos pareceres exclusivamente técnicos.

Para tanto, o acervo iconográfico do Arquivo da Cidade constitui material precioso. Permite pensar e projetar a cidade na qual queremos viver e deixar às futuras gerações. As imagens da exposição, captadas, na sua maioria, por um fotógrafo oficial, mas com a sensibilidade dos que têm um sério caso de amor com o Rio de Janeiro, constituem testemunho de época. Apontam, ao mesmo tempo, para a importância que os instrumentos de proteção agora criados pela Secretaria das Culturas exercem, entre eles, as APACs - Áreas de Proteção do Ambiente Cultural.

Pela primeira vez, o Rio tem uma política pública clara e efetiva de preservação. Apesar de algumas perdas irreparáveis e das constantes mudanças a que foi submetido o nosso patrimônio cultural, estamos atentos ao que merece ser identificado, restaurado e divulgado.

Ricardo Macieira
Secretário Municipal das Culturas

UM TEMA PARA REFLEXÃO

Memória da Destruição: Rio - uma história que se perdeu pretende lançar um tema para reflexão: a importância dos registros materiais e imateriais para a construção da memória de uma cidade fundamental para o Brasil como o Rio de Janeiro.

Mas a grande questão que motiva urbanistas, técnicos do patrimônio cultural, historiadores, arquitetos e todos que lidam com a memória é justamente o que preservar. As cidades não são estáticas, são fascinantes pela sua dinâmica, o construir / destruindo, o reconstruir / desconstruindo. O que importa é que exista o respeito a alguns valores básicos, de modo que a linha de evolução não se interrompa, criando vazios, pois o passado mantém sempre relações de compromisso com o presente e com o futuro. Nesse sentido, pretende-se mostrar, através de fotografias, plantas e charges pertencentes ao acervo do Arquivo da Cidade, o Rio de Janeiro no período em que foi capital federal, enfatizando as principais intervenções urbanas realizadas pelo poder público e as transformações que a especulação imobiliária impôs à fisionomia da cidade. Os observadores da atualidade poderão, assim, obter informações para basear seu julgamento, chegando às suas próprias conclusões sobre a oportunidade dessas reformas.

Os módulos abordam a gestão do prefeito Barata Ribeiro e a demolição dos cortiços; as grandes obras da administração Pereira Passos, sobressaindo a abertura da Avenida Central e a construção da Avenida Beira-Mar; a demolição do Morro do Castelo, berço da cidade, e a edificação no local dos pavilhões da Exposição Internacional de 1922; o aumento da densidade populacional em bairros como Copacabana, Ipanema e Botafogo, acarretando a construção de inúmeros edifícios que constituem verdadeiras barreiras de concreto; a abertura da Presidente Vargas, suprimindo várias ruas e prédios como o antigo edifício da Prefeitura e a Igreja de São Pedro dos Clérigos; a redução gradativa do espelho d'água da Lagoa Rodrigo de Freitas e, por fim, ultrapassando em alguns anos a transferência da capital federal para Brasília, a construção do Aterro do Flamengo.

Estão assim expostas, numa visão cronológica, as diretrizes e, muitas vezes, a ausência delas, que orientaram aqueles que detinham o poder de modificar o traçado da cidade, fazendo-nos refletir sobre se a destruição de muitos lugares de vida e de memória, inestimáveis como valor histórico, arquitetônico e afetivo, poderia ter sido evitada, se houvesse uma legislação urbana adequada e, também, a participação mais ativa da própria sociedade.

Dessa forma, as APACs (Áreas de Proteção do Ambiente Cultural), instrumentos de preservação surgidos na década de 1980 que, recentemente, trouxeram novamente à discussão o tema da preservação do patrimônio urbano edificado - constituem um ponto de partida importante. Somadas a outros mecanismos de proteção, podem contribuir para que fatos lamentáveis na nossa história urbana não se repitam, pois toda cidade é a soma das ações e omissões de seus governantes e, principalmente, de seus cidadãos.

“QUERO ISTO LIMPO! BRAMAVA FURIOSO. ESTÁ PIOR QUE UM CHIQUEIRO DE PORCOS. APRE! TOMARA QUE A FEBRE AMARELA OS LAMBA TODOS! HÃO DE TRAZER-ME ISTO ASSEADO OU VAI TUDO PARA O OLHO DA RUA. AQUI MANDO EU!”.

ALÚZIO DE AZEVEDO
JOÃO ROMÃO - PERSONAGEM DE O CORTIÇO (1890)

“E ASSIM REUNIDA, AGLOMERADA, ESSA GENTE, TRABALHADORES, LAVADEIRAS, COSTUREIRAS DE BAIXA FREGUESIA, MULHERES DE VIDA RELES, ENTOPEM “AS CASAS DE CÔMODOS”, VELHOS CASARÕES DE MUITOS ANDARES, DIVIDIDOS E SUBDIVIDIDOS POR UM SEM NÚMERO DE TAPUMES DE MADEIRA, ATÉ NOS VÃOS DE TELHADOS, ENTRE A COBERTURA CARCOMIDA E O FERRO CARUNCHOSO. ÀS VEZES, NEM AS DIVISÕES DE MADEIRA; NADA MAIS QUE SACOS DE ANIAGEM ESTENDIDOS VERTICALMENTE EM SEPTO, PERMITINDO QUASE A VIDA EM COMUM, EM UMA PROMISCUIDADE DE HORRORIZAR.”

EVERARDO BACKHEUSER
HABITAÇÕES POPULARES (1906)



CORTIÇO DA RUA DO SENADO, Nº 12 A 44

Malta, 27/03/1906 (AGCRJ)

Definido oficialmente como uma "habitação coletiva, geralmente constituída por pequenos quartos de madeira ou construção ligeira algumas vezes instalados nos fundos de prédios e outras vezes uns sobre os outros; com varandas e escadas de difícil acesso; sem cozinha, existindo ou não pequeno pátio, área ou corredor, com aparelho sanitário e lavanderia comum", o cortiço reinou absoluto - juntamente com casas de cômodos e estalagens, denominações que freqüentemente se confundiam - como a alternativa mais econômica para a habitação de baixa renda na cidade do Rio de Janeiro.

ESTALAGEM NA RUA DOS INVÁLIDOS

Malta, s/d (AGCRJ)

A principal característica dos cortiços, seu pátio central, era, ao mesmo tempo, área de lazer e de trabalho para seus moradores. Os varais, com as roupas "tremulando qual bandeiras agitadas", denotavam uma importante função econômica e social, ainda hoje presente na vida brasileira, que as lavanderias (tradicionais e automáticas) e a tecnologia não conseguiram eliminar: as "lavadeiras pra fora". Tanques e sanitários comuns promoviam a promiscuidade e comprometiam a saúde pública, transformando os cortiços em focos propagadores de doenças.



RUA DO RESENDE

Malta, 28/08/1906 (AGCRJ)

O prefeito Barata Ribeiro pretendia erradicar os cortiços e casas de cômodos, mas não teve tempo: sua administração durou apenas cinco meses. O prefeito Pereira Passos prosseguiu com as demolições de sobrados antigos e decadentes, como estes da Rua do Resende, construídos em lotes estreitos

e profundos, com muitos cômodos. As fachadas, com razoável aspecto, escondiam interiores deteriorados, subdivididos e ocupados por numerosas famílias, que utilizavam o banheiro e a cozinha coletivamente.

“NÃO HAVIA LIMPEZA, NEM PÚBLICA NEM PARTICULAR, NEM INTERNA NEM EXTERNA, NEM NO CORPO NEM DA ALMA DA POBRE SEBASTIANÓPOLIS, A HIGIENE E O ASSEIO ERAM FIGURAS DE RETÓRICA, E QUANTO À ELEGÂNCIA E BOM GOSTO EM CONSTRUÇÕES, O QUE DAVA A CARACTERÍSTICA ERA A CASINHA DE RÓTULA, LEGADA PELOS FUNDADORES DA CIDADE, VIELAS ESTREITAS ...”

“MAS FOI NESTA SITUAÇÃO DE IMUNDÍCIE E DE ANDRAJOS QUE A VEIO ENCONTRAR O REFORMADOR ATIVO E FORTE QUE É O DR. PASSOS, E FOI ASSIM QUE ELE RESOLVEU VARRER TODA ESSA PORCARIA E SOBRE O TERRENO LIMPO E SANEADO LEVANTAR MELHORAMENTOS QUE NOS HONRAM, QUE JÁ DIZEM BEM A RESPEITO DA NOSSA CULTURA E DO NOSSO ADIANTAMENTO (...) AS RUAS E PRAIAS ALARGAM-SE, O CALÇAMENTO É RESTAURADO A GRANDES TRECHOS, AS CASAS OFERECEM UM MELHOR ASPECTO, AVENIDAS SURGEM MIRACULOSAMENTE, HÁ NO AR, NA GENTE E NAS COISAS UM TOM DE ALEGRIA, DE CONTENTAMENTO, DE ESPERANÇA EM VER DENTRO EM BREVE PODER O RIO DE JANEIRO DIZER-SE, COM RAZÃO E SEM PROVOCAR O RISO ZOMBETEIRO DE NOSSOS VIZINHOS DO PRATA, QUE É A PRIMEIRA CIDADE DA AMÉRICA DO SUL.”

CRÔNICA
O MALHO (1903)

“HOVE UM TEMPO EM QUE ESSA MOCIDADE ESTRÓINA, QUE FORMOU A BANDA DISSIDENTE E RUIDOSA BOÊMIA LITERÁRIA DE 1890 A 1900, DE QUE EU FIZ PARTE, PRETENDEU TRANSFORMAR NUMA PARIS ESPIRITUAL A NOSSA ENTÃO SUJÍSSIMA, FÉTIDA, ESTREITA, PESTILENTA, DESENGONÇADA CIDADE (...)

MAS NÃO NOS SENDO POSSÍVEL DAR A ESTA CIDADE PALÁCIOS DE MANSARD E JARDINS DE LE NÔTRE, NEM BOULEVARDS À HAUSSMANN, NEM FONTES PÚBLICAS COMO AS DE JEAN GOUJON OU DE BOUCHARDON, CONTENTÁVAMO-NOS COM UM ARREMEDO DE VIDA À MANEIRA DO MONTMARTRE OU DO QUARTIER LATIN.”

GONZAGA DUQUE
O CABARET DA IVONE
KOSMOS (1908)

A PARIS NOS TRÓPICOS

Como isso mudou! Então de uns tempos para cá, parece que essa gente está doida, botam abaixo, derrubam casas, levantam outras, tapam umas ruas, abrem outras...

Lima Barreto

Uma grande renovação urbana modificou o cenário carioca, de 1903 a 1906, na administração do prefeito Pereira Passos, nomeado pelo presidente Rodrigues Alves com plenos poderes. Apelidado de Hausmann Tropical, pela semelhança de seus planos com os da remodelação de Paris no século XIX, Pereira Passos foi também chamado de Bota-Abaixo, pela realização de inúmeras intervenções, como alargamento e abertura de ruas, que exigiram a demolição de cerca de 1.700 imóveis, em nome da transformação do Rio de Janeiro numa metrópole moderna.

A abertura da Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, provocou a destruição de todo o casario da época da Colônia e do Império existente nas imediações e, em seguida, sua substituição por prédios da *Belle Époque*, com sofisticados projetos arquitetônicos, de acordo com o gosto eclético vigente. No entanto, a maioria deles não existe mais, a especulação imobiliária não se deteve diante da imponência e riqueza ornamental que possuíam. A famosa avenida teve duração efêmera e já está na quarta geração de edificações.

A Avenida Beira-Mar, formada por uma faixa litorânea aterrada com o material proveniente das demolições e também do arrasamento de uma pequena parte do Morro do Castelo, foi construída para dar continuidade à Avenida Central em direção à Zona Sul, do Obelisco ao Pavilhão Mourisco, em Botafogo. Inaugurada em 1906, foi considerada a mais bela via-corso do mundo. Atualmente, tudo está mudado, foram demolidos os palacetes de arquitetura eclética e vieram os arranha-céus: o aumento de unidades com maior taxa de ocupação passou a ser um investimento bastante lucrativo.



CAIS PHAROUX

Malta, 1917 (AGCR.J)

O antigo Cais Pharoux - cujo nome se refere ao antigo Hotel Pharoux, de meados do século XIX - recebeu em 1902 uma balaustrada com iluminação. De inspiração *beaux-arts*, todo o paisagismo da época Passos procurava dotar a cidade - porta de entrada do Brasil - de uma imagem reconhecida e adequada a atrair investimentos e capitais estrangeiros para um país que se modernizava e ingressava, esperançoso, no século XX.

CANAL DO MANGUE

Malta, 1925 (AGCR.J)

Para melhorar, à época de D. João, o acesso ao Paço Real, na Quinta da Boa Vista, foi construído um estreito aterro através do Mangal de São Diogo, chamado Caminho do Aterrado, que depois da iluminação tornou-se das Lanternas. Somente em 1860 seria resolvido o problema dos alagadiços desta área com a inauguração do canal, que teve as obras conduzidas pelo inglês

William Ginty. Datam de 1876 a colocação da comporta junto à ponte (no local do atual viaduto dos Marinheiros), da balaustrada em ferro e o plantio de setecentas palmeiras. Por fim, durante o governo Pereira Passos, atendendo à necessidades referentes às obras do porto, o canal foi prolongado até ao mar com a Avenida Rodrigues Alves.

IGREJA SÃO JOAQUIM À DIREITA

s/a, c.1900 (AGCR.J)

Voltada para o Largo de São Joaquim, a igreja, construída por volta de 1815, marcava o limite entre as ruas Estreita e Larga de São Joaquim. A primeira, à direita na foto, datando de meados do séc. XVIII, ia até a Rua da Vala (Uruguaiana) e a segunda, mais recente, prolongava-se até o Campo de Santana. A igreja foi demolida em 1904 para o alargamento e unificação dos logradouros sob o nome de Avenida Marechal Floriano - mas, para o povo, Rua Larga -, prolongando-se até ao Largo de Santa Rita e daí ao Cais dos Mineiros, através da Rua dos Pescadores (Visconde de Inhaúma).







AVENIDA CENTRAL À ESQUERDA
s/a, 01/12/1905 (AGCRJ)

Em 7 de setembro de 1904, comemorou-se o final das demolições para a abertura da Avenida Central. Na sua inauguração, em 15 de novembro de 1905, existiam trinta prédios prontos, cerca de oitenta em construção e raros lotes ainda à venda. À esquerda, na esquina da Rua São José, o prédio de propriedade da Irmandade do S.S. da Candelária, vizinho ao primeiro edifício concluído, sede de Antonio Jannuzzi, Irmão & Cia.

AVENIDA CENTRAL À ESQUERDA

Malta, s/d (AGCRJ)

A Comissão Construtora da Avenida Central delimitou três áreas para a ocupação dos terrenos. A primeira, para os prédios públicos, institutos e associações de ensino e beneficentes, ia da Avenida Beira-Mar até a Rua São José. A segunda, que abrangia os terrenos entre a Rua São José e a Rua General Câmara, era destinada às modas e confecções, confeitarias, jornais e bancos. Na terceira, que terminava na atual Praça Mauá, reservada ao comércio referente à exportação e importação e às instituições financeiras afins, estava situado o prédio da esquina com a Rua Acre, do importador Eduardo Palassim Guinle.

AVENIDA CENTRAL

s/a, s/d (AGCRJ)

A conceituada Casa Colombo, na esquina da Rua do Ouvidor, foi o primeiro magazine inaugurado na nova avenida. Os cariocas, acostumados à cidade colonial de ruas estreitas, escuras e mal pavimentadas, viram surgir dos escombros das demolições uma paisagem diferente. Torres, cúpulas, pináculos e minaretes coroavam os telhados; ornatos em profusão, balcões e portas monumentais caracterizavam a multiplicidade estilística das construções, prenunciando uma mudança nos padrões vigentes.

AVENIDA CENTRAL

Malta, s/d (AGCRJ)

Prédios suntuosos, edificados segundo critérios estabelecidos no Concurso de Fachadas da Avenida Central, foram sendo destruídos, algumas décadas depois, para dar lugar a outros mais altos, porém, sem o mesmo requinte artístico. À direita, a sede de O Paiz, na esquina da Rua Sete de Setembro, onde, em 1908, o repórter Gustavo Lacerda fundou a Associação Brasileira de Imprensa - ABI. O Jornal do Brasil e o Jornal do Commercio, entre outros, também se instalaram na avenida.





AVENIDA CENTRAL

Malta, 19/07/1907 (AGCRJ)

Neste trecho, que vai da Rua do Rosário até a Praça Mauá, à esquerda, está um dos poucos prédios remanescentes da Avenida Central, onde funcionou durante muitos anos a Casa Simpatia, conhecida por seus saborosos

refrescos. Postes ornamentais de iluminação complementavam a beleza do primeiro bulevar carioca, hoje totalmente descaracterizado, invadido pelos "espigões", que acabaram com o charme da *Belle Époque*.







AVENIDA CENTRAL À ESQUERDA

Malta, s/d (AGCRJ)

Na Avenida Central, prédios simbólicos da *Belle Époque*, que hoje não existem mais: o edifício do jornal O Paiz, projeto de Morales de los Rios, na esquina com a Rua Sete de Setembro; o Clube de Engenharia, projeto de Raphael Rebecchi e construção de Heitor de Mello, vencedor do Concurso de Fachadas; a Casa Artur Napoleão, especializada em música, e a imponente Associação dos Empregados no Comércio, ambos projetados por Morales de los Rios, aparecendo ainda o prédio onde funcionou o Cine Pathé, obra de Antonio Jannuzzi, Irmão & Cia.

AVENIDA CENTRAL

Malta, 11/11/1907 (AGCRJ)

Dois anos depois da inauguração, a elegante Avenida Central era o coração do Rio e simbolizava a *Belle Époque* carioca. Em qualquer horário havia um movimento intenso, embora por razões diversas: trabalho, compras, negócios, passeios, encontros e diversões. No trecho da esquina com a Rua do Ouvidor estavam instalados vários magazines como O Barateiro, projeto de Morales de los Rios, cuja fachada aparece em destaque.



AVENIDA RIO BRANCO

Malta, s/d (AGCRJ)

O prédio do Jornal do Commercio, projeto de Antonio Jannuzzi, Irmão & Cia, ficava na esquina da famosa e sofisticada Rua do Ouvidor, ponto de encontro e paraíso de compras da elite carioca, desde os tempos coloniais. Um pouco do prestígio dessa rua foi abalado com a abertura da Avenida Central. Muitas casas comerciais transferiram-se, algumas forçadas pelas demolições nos arredores, outras à procura de um ponto melhor para que seus negócios, com amplas e modernas instalações, atraíssem mais clientes.

HOTEL AVENIDA

Malta, s/d (AGCRJ)

O prédio do Hotel Avenida, projetado por Francisco Caminhoá, estava situado entre a Avenida Central e o Largo da Carioca. Foi inaugurado em 1911, mas alguns anos antes, no térreo, já existiam a estação circular da Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico e a famosa Galeria Cruzeiro, onde funcionavam lojas comerciais, bares e restaurantes muito frequentados. Este ponto de encontro dos cariocas foi demolido no início da década de 1960 para a construção do edifício Avenida Central, projeto de Henrique Mindlin.



DEMOLIÇÃO DO HOSPITAL DA ORDEM TERCEIRA DA PENITÊNCIA

Malta, 20/09/1906 (AGCRJ)

O antigo Hospital da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, de sólida construção, teve parte de suas instalações demolida para o alargamento do Largo e da Rua da Carioca. Com a destruição parcial do prédio, a Prefeitura obteve uma faixa de terreno para o prolongamento da Rua Uruguaiana até o Chafariz da Carioca, ampliando o espaço do logradouro.

DEMOLIÇÃO DO HOSPITAL DA ORDEM TERCEIRA DA PENITÊNCIA

Malta, s/d (AGCRJ)

Um cenário de destruição no Largo da Carioca: a demolição, em 1906, da fachada e de parte do lado direito do Hospital da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, realizada depois de grande polêmica em torno da desapropriação do prédio. Ao fundo, o Chafariz da Carioca, construído em 1834, um marco na história do abastecimento d'água na cidade, preservado nessa época, mas demolido em 1925.

ALARGAMENTO DA RUA DA CARIOCA

Malta, 31/01/1906 (AGCRJ)

Para alargamento da Rua da Carioca, todos os imóveis do lado par foram destruídos. Em meio aos escombros, os ocupantes dos prédios transportam para veículos o material, ainda aproveitável, recolhido entre as ruínas. À esquerda, o que sobrou da demolição do Hospital da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência.

PRAÇA FLORIANO

Malta, s/d (AGCRJ)

Passado e presente, demolição e preservação aqui aparecem. O Conselho Municipal, antiga Escola São José, um dos poucos prédios construídos no Rio em estilo neomanuelino, foi derrubado, em seu lugar surgindo o Palácio Pedro Ernesto. Na esquina com a Rua Evaristo da Veiga, não existem mais nem a Igreja Anglicana nem os sobrados antigos, substituídos por arranha-céus. Os belos postes também desapareceram, desfez-se o encanto desse conjunto...



PALÁCIO MONROE

s/a, s/d (AGCRJ)

Em 1904, os Estados Unidos realizaram uma grande exposição internacional em Saint Louis. O pavilhão do Brasil, projeto e construção do engenheiro militar Francisco Marcelino de Souza Aguiar, ganhou o primeiro prêmio pela beleza de sua concepção arquitetônica e, encerrado o evento, foi desmontado e transferido para o Rio de Janeiro. Sediou o Ministério de Viação, a Câmara dos Deputados e o Senado Federal até a mudança da capital para Brasília, quando ali passou a funcionar o Estado Maior das Forças Armadas. Após intensas e polêmicas discussões, a favor e contra sua destruição, o prédio foi drasticamente demolido.

PALÁCIO MONROE AO LADO

Malta, 27/09/1920 (AGCRJ)

Se, durante o dia, os jardins que circundavam o Palácio Monroe aumentavam sua beleza, tornando-o mais imponente, ao escurecer surgia outro espetáculo. O palácio, feericamente iluminado, mostrava toda a harmonia de suas linhas. Milhares de lâmpadas definiam o contorno de cúpulas, colunas e ornatos. A cidade sofreu uma perda irreparável com sua demolição, que ocorreu sem uma razão coerente que a justificasse.





CONVENTO DA AJUDA

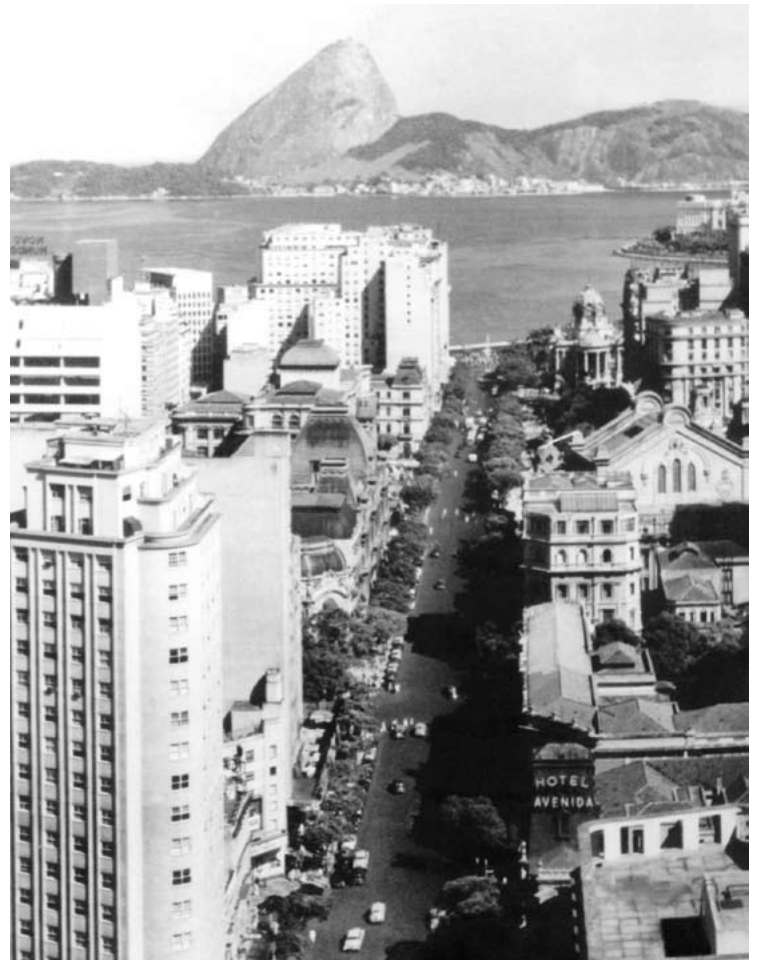
s/a, 1907 (AGCRJ)

O Convento da Ajuda, construído em 1750 pelo brigadeiro José Fernandes Alpoim, estava situado numa extensa área, que ia da Rua do Passeio até a Rua Evaristo da Veiga. Em 1911, apesar de seu incontestável valor histórico, o convento foi demolido para o embelezamento local e a construção de um grande hotel de dez andares, projeto que não se concretizou. Anos depois, Francisco Serrador utilizou o terreno para transformar em realidade o seu sonho: a Cinelândia.

CONVENTO DA AJUDA DEMOLIDO

s/a, s/d (AGCRJ)

Esta foto, após a demolição do Convento da Ajuda, mostra que o ponto extremo do terreno confrontava com o Passeio Público. Neste local, está hoje o Edifício Francisco Serrador. O Chafariz das Saracuras - construído no pátio do convento como símbolo da gratidão das religiosas ao vice-rei, conde de Resende, que em 1790 mandou canalizar a água até ali - foi doado à Municipalidade. Atualmente, o chafariz encontra-se na Praça General Osório, em Ipanema. Foi o que restou do Convento da Ajuda.



AVENIDA RIO BRANCO

s/a, s/d (AGCRJ)

O Pão de Açúcar continua embelezando a paisagem; porém, está cercado de construções. A Baía de Guanabara diminuiu, o mar recuou relutante, cedendo à pressão de toneladas e toneladas de aterro... E com a Avenida Central, o que aconteceu? Passados mais de cinquenta anos, o saldo é pequeno, mas significativo: o conjunto de prédios no entorno da Praça Floriano. Escondidos atrás dos arranha-céus, podem ser observados os telhados de ardósia e as cúpulas, bem mais bonitas do que os terraços dos edifícios que formam paredões ao seu redor. O Palácio Monroe,

que ainda aparece, em 1976 foi destruído.

AVENIDA BEIRA-MAR

Malta, 27/10/1906 (AGCRJ)

Dando continuidade à Avenida Central, em direção à Zona Sul, foi aberta a Avenida Beira-Mar, em área aterrada. Ao ser inaugurada, em 1906, o mar chegava bem próximo ao Passeio Público, quando ali ainda existiam, no terraço, os pavilhões octogonais construídos em 1841 e demolidos posteriormente. Chamavam a atenção os artísticos desenhos das calçadas de pedras portuguesas que ladeavam a bela avenida litorânea.



BOTAFOGO

s/a, s/d (AGCRJ)

Os morros do Pão de Açúcar, Urca, Cara de Cão e o espelho d'água da Enseada de Botafogo, assim como a Igreja da Imaculada Conceição, cujo campanário se destaca à esquerda, e a residência neoclássica que aparece em primeiro plano,

no Morro Mundo Novo, são bens tombados pelo patrimônio. O tradicional bairro de Botafogo já foi bastante modificado, a maioria do casario antigo foi demolida para dar lugar a edifícios, mas ainda existem conjuntos preservados por APAC e imóveis tombados por seu valor histórico ou artístico que conservam suas características originais.





PAVILHÃO DE REGATAS

Malta, s/d (AGCRJ)

Além de usufruir o belíssimo panorama da Baía de Guanabara, os freqüentadores do Pavilhão de Regatas, construído em 1906, tinham à sua disposição um moderno serviço de bar, um salão de chá, música de orquestra e embarcações para passear na enseada. Nos dias de regata, os serviços só funcionavam à noite, com o pavilhão iluminado até uma hora da madrugada. Infelizmente o pavilhão não existe mais...

PAVILHÃO MOURISCO, PRAIA DE BOTAFOGO

s/a, 23/06/1907 (AGCRJ)

O Pavilhão Mourisco foi projetado pelo arquiteto Alfredo Burnier para abrigar um restaurante. No alto da entrada principal estava escrito, em árabe, Café Cantante. Circundando o prédio, havia uma grande varanda com mesas ao ar livre. Suas linhas arquitetônicas produziam um interessante efeito pela combinação de cores e reflexos ouro e prata. O revestimento externo era





AVENIDA BEIRA-MAR

s/a, s/d (AGCRJ)

A paisagem da Praia de Botafogo não é mais a mesma. As cúpulas e os pináculos do Pavilhão Mourisco desapareceram; surgiu o espelhado Centro Empresarial Mourisco; a enseada diminuiu com o Aterro; as pistas de trânsito aumentaram e edifícios de várias gerações ultrapassaram o gabarito original, bloqueando a vista para o mar. Destruição, reurbanização, modernidade, embelezamento, progresso - a mudança é real, mas pode ter vários nomes...



RUA SENADOR VERGUEIRO

Malta, s/d (AGCRJ)

Nessa época, já não existiam as chácaras, mas também ainda não haviam surgido os altos edifícios. A Rua Senador Vergueiro, no Flamengo, era um dos logradouros por onde passavam os bondes da Zona Sul. Como dizia Rui Barbosa: "O bonde foi, até certo ponto, a salvação da cidade. Foi o grande instrumento, o agente incomparável do seu progresso material. Foi ele que dilatou a zona urbana, que arejou a cidade desaglomerando a população, que tornou possível a moradia fora da região central".



VISTA GERAL DA EXPOSIÇÃO DE 1908

Malta, 07/10/1908 (AGCRJ)

A Exposição Nacional de 1908 (Agrícola, Industrial, Pastoril e de Artes Liberais) localizou-se na Praia Vermelha, Urca, e teve como coordenadores o engenheiro Sampaio Correia (urbanismo) e o arquiteto René Barba (construções). Comemorativa ao centenário de abertura dos portos às "nações amigas" – leia-se Inglaterra –, calcava-se no modelo da Exposição de Paris, de 1900. Pautada na arquitetura da recém-inaugurada Avenida Central, a exposição exibiu a nova imagem de um Brasil moderno que ingressava no século XX.

AVENIDA ATLÂNTICA

Malta, s/d (AGCRJ)

No final da Praia de Copacabana, existiam uma colônia de pescadores e um restaurante especializado em peixadas. O estabelecimento ficava na esquina da Rua Francisco Otaviano e ali também funcionou, no início do século, o famoso cabaré de Mère Louise, que alugava quartos por hora. Muitas décadas depois, neste mesmo local, foi construído o Cassino Atlântico, origem do nome do *shopping* que hoje ocupa todo o quarteirão e onde está instalado um hotel.



“TERMINADA A CONSULTA, IMPUNHA-SE VISITAR A IGREJA DOS JESUÍTAS, ONDE SERIA DOMINADO DE SENTIMENTOS SEMELHANTES AOS DAQUELE CONHECIDO DO AMIGO ELISIÁRIO, AO OUVIR ESTE “ERRADIO” DISSERTAR SOBRE O PASSADO VELHO DA CIDADE: “VI OS PRIMEIROS TEMPLOS DA CIDADE, OS PADRES DA COMPANHIA, A VIDA MONÁSTICA E LEIGA, OS NOMES PRINCIPAIS E OS FATOS CULMINANTES.

QUANDO SAÍMOS, E FOMOS ATÉ À MURALHA, DESCOBRINDO O MAR E PARTE DA CIDADE, ELISIÁRIO FEZ-ME VIVER DOIS SÉCULOS ATRÁS. VI A EXPEDIÇÃO DOS FRANCESES, COMO SE A HOUVESSE COMANDADO E COMBATIDO, RESPIREI O AR DA COLÔNIA, CONTEMPLEI AS FIGURAS VELHAS E MORTAS”. VER A IGREJA ERA UM GOZO DO ESPÍRITO AO ALCANCE DE QUALQUER UM: O DIFÍCIL ERA ACHAR OS TESOUROS QUE, SEGUNDO CRIA O POVO, TINHAM OS JESUÍTAS DEIXADO EM LUGAR DO MORRO, RIQUEZAS QUE SÓ COM O ARRASAMENTO DESTES TALVEZ PUDESSEM SER LOCALIZADAS, CONFORME FORA PLANEJADO PELO ORIGINAL XAVIER”.

MACHADO DE ASSIS
RUBIÃO - PERSONAGEM DE QUINCAS BORBA (1891)

“A RUA DA MISERICÓRDIA, AO CONTRÁRIO, COM AS SUAS HOSPEDARIAS LÔBREGAS, A MISÉRIA, A DESGRAÇA DAS CASAS VELHAS E A CAIR, OS CORREDORES BAFIENTOS, É PERPETUAMENTE LAMENTÁVEL. FOI A PRIMEIRA RUA DO RIO. DELA PARTIMOS TODOS NÓS, NELA PASSARAM OS VICE-REIS MALANDROS, OS GANANCIOSOS, OS ESCRAVOS NUS, OS SENHORES EM REDES; NELA VICEJOU A IMUNDÍCIE, NELA DESABOTOOU A FLOR DA INFLUÊNCIA JESUÍTICA. ÍNDIOS BATIDOS, NEGROS PRESOS A FERROS, DOMÍNIO IGNORANTE E BESTIAL, O PRIMEIRO BALBUCIO DA CIDADE FOI UM GRITO DE MISERICÓRDIA, FOI UM ESTERTOR, UM AI! TREMENDO ATIRADO AOS CÉUS. DELA BROTOU A CIDADE NO ANTIGO ESPLENDOR DO LARGO DO PAÇO DELA DECORRERAM, COMO DE UM CORPO QUE SANGRA, OS BECOS HUMILDES E OS COALHOS DE SANGUE, QUE SÃO AS PRAÇAS, RIBEIRINHAS DO MAR.”

JOÃO DO RIO (PAULO BARRETO)
A ALMA ENCANTADORA DAS RUAS (1908)

O BERÇO DA CIDADE VAI POR ÁGUA ABAIXO

“Mas... eis aí o morro do castelo, que pede a palavra pela ordem e exige que lhe paguemos o tributo de alguns minutos de atenção.”

Joaquim Manuel de Macedo

Morro do Descanso, em seguida São Januário, depois denominado Castelo, o verdadeiro berço da muito leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. A Fortaleza, a Igreja e o Colégio dos Jesuítas, o Seminário de São José, a Igreja de São Sebastião, o Hospital São Zacarias, a Faculdade de Medicina, o Telégrafo, a Cadeia, o Calabouço, o Observatório, a muralha de pedra, as ladeiras, o casario antigo, o tesouro nunca encontrado - nada restou...

Tudo isso começou a desaparecer em 1904, quando o morro perdeu a primeira encosta, a ladeira menos íngreme, para a abertura da Avenida Central, nas vizinhanças do local onde hoje estão os prédios do Museu Nacional de Belas Artes, da Biblioteca Nacional e do Centro Cultural da Justiça Federal. Decorridos alguns anos, veio o golpe final, a demolição e o arrasamento iniciado em 1920, na administração do prefeito Carlos Sampaio, abrindo espaço para abrigar a Exposição do Centenário da Independência, inaugurada em 1922.

Do sítio original, lugar estrategicamente escolhido por Mem de Sá, sobrou apenas o sopé da Ladeira da Misericórdia, tombada pelo patrimônio estadual, com o seu íngreme calçamento em pé-de-moleque, que agora não conduz a lugar nenhum. O Morro do Castelo foi literalmente por água abaixo, referendado por fatores poderosos como higiene, ar puro, saneamento, desenvolvimento urbano, enfim, modernidade, sem falar nos interesses financeiros envolvidos nessa intervenção...

Na opinião de Lúcio Costa, "demolição feita com desamor e sem os cuidados que no caso se impunham".



MORRO DO CASTELO

s/a, s/d (AGCRJ)

“Embora fosse um sítio histórico, o morro havia se transformado em local de residência de inúmeras famílias pobres, que se beneficiavam dos aluguéis baratos das antigas construções aí existentes. Situava-se, entretanto, na área de maior valorização do solo da cidade, a dois passos da Avenida Rio Branco, daí porque era preciso eliminá-lo, não apenas em nome da higiene e da estética, mas também da reprodução do capital”.

Mauricio Abreu

MORRO DO CASTELO

s/a, s/d (AGCRJ)

Foram usados todos os recursos disponíveis para o desmonte do Morro do Castelo até seu completo arrasamento: desde a picareta, o martelo, a marreta até os processos hidráulicos, tudo foi válido para a rápida conquista de uma grande esplanada. Prevaleceu, acima de tudo, a fúria devastadora que não se deteve nem diante dos prédios históricos como o Colégio dos Jesuítas, onde moraram os padres Anchieta e Nóbrega e estudaram, entre outros, Cláudio Manuel da Costa e Alvarenga Peixoto.



MORRO DO CASTELO

s/a, s/d (AGCRJ)

“A fachada da igreja (de Santo Inácio) teve destacado papel formal e sua influência não se restringiu às obras jesuítas. Serviu, com seu frontão triangular austero, como protótipo para uma série de igrejas paroquiais e capelas edificadas no Rio de Janeiro do século XVI ao início do século XIX, e a sua destruição foi uma perda irreparável”.

Sandra Alvim

DESMONTE DO MORRO DO CASTELO

Malta, 30/08/1922 (AGCRJ)

“O ritmo ainda parecia muito lento a Carlos Sampaio, que havia visitado São Paulo e observado o sistema de mangueiras hidráulicas, usado no aterro da Várzea do Carmo. A adaptação desse sistema traria como vantagens mais rapidez e diminuição dos custos de transporte de terra, que deixaria de ser carregada em vagonetes para ser lançada, transformada em lama pela força dos jatos d’água, no litoral fronteiro à Rua Santa Luzia”.

Carlos Kessel





EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE 1922

Malta, 15/08/1922 (AGCRJ)

A Exposição Internacional de 1922 localizou-se na esplanada do Morro do Castelo, Centro, e teve como maiores expoentes os arquitetos Morales de Los Rios e Archimedes Memória. Comemorativa ao centenário da Independência do Brasil, a exposição, em meio a um ano de festividades, marcou a cidade pela perda, para sempre, do sítio original de sua fundação, com o arrasamento do Morro do Castelo. Da imensa mostra restam apenas os pavilhões da Administração e do Distrito Federal (atual Museu da Imagem e do Som, visto em primeiro plano), da França (a réplica do Petit Trianon, ocupado pela Academia Brasileira de Letras), da Estatística (Serviço de Saúde dos Portos, muito modificado) e o Palácio das Indústrias (Museu Histórico Nacional).

RUA DA MISERICÓRDIA

Malta, s/d (AGCRJ)

A Rua da Misericórdia vem dos primórdios da cidade, quando servia de ligação, na várzea, entre o Morro do Castelo e o Morro de São Bento. Seu prolongamento natural, a Rua Direita, é a atual Rua Primeiro de Março. No final da década de 1920, por ocasião da reurbanização da área da Esplanada do Castelo, a rua foi devastada, desaparecendo os





LEME

Malta, 17/07/1921 (AGCRJ)

No Leme, de um lado, o mar, obrigado a recuar, mostrava durante as temidas ressacas toda a força de suas ondas que, não contidas, avançavam pela areia, ultrapassavam o degrau de cantaria e atingiam a famosa calçada de pedras portuguesas com o desenho denominado "mar alto". Do outro lado, belas residências, pequenos prédios e restaurantes com varandas ao ar livre foram sucessivamente demolidos para a construção de grandes edifícios que hoje ocupam toda a orla.

AVENIDA ATLÂNTICA

Malta, 17/10/1924 (AGCRJ)

Terminada a era das demolições, o Rio de Janeiro passou a ser conhecido como Cidade Maravilhosa, começando a atrair turistas. O Hotel Copacabana Palace, inaugurado em 1923 na Avenida Atlântica, projeto do arquiteto francês Joseph Gire no estilo dos hotéis da Riviera francesa, destacava-se por seus oito pavimentos. Grande mobilização popular, anos mais tarde, resultou no tombamento do hotel, considerado bem de valor histórico e artístico. Mesma sorte não tiveram os palacetes, bangalôs e chalés, substituídos por arranha-céus que favoreceram o adensamento e a descaracterização do bairro.

RUA NOSSA SENHORA DE COPACABANA

Malta, 05/10/1928 (AGCRJ)

Contornado o morro do Inhangá, em meados dos anos 1920, pôde a rua ser interligada, transformando-se, junto com Barata Ribeiro e Atlântica, em um dos principais eixos longitudinais do bairro. O bucolismo deste bulevar, com seu renque de árvores nas calçadas e canteiro central, em nada se parece com a "rua tubo" em que se transformou depois da explosão imobiliária

RUA BARATA RIBEIRO

Malta, 12/10/1928 (AGCRJ)

Data da década de 1920 o prolongamento da Barata Ribeiro (que chegava somente à Santa Clara) até a atual Rua Bolívar, incorporando

AVENIDA VIEIRA SOUTO

Malta, 17/10/1928 (AGCRJ)

Data de 1894 a fundação da Vila Ipanema; porém, somente com a chegada do bonde, em 1902, a ocupação do bairro tomará impulso. O casario de pequenos bangalôs, característico da orla da Zona Sul naquela época, dá a tônica da ocupação do logradouro, cujo nome homenageia um engenheiro da prefeitura. Nessa vista para o Arpoador vemos também o calçamento em macadame betuminoso (precursor do atual asfalto) e o canteiro central, executados na administração Prado Junior.

AVENIDA VIEIRA SOUTO À DIREITA

Malta, 18/08/1934 (AGCRJ)

No trecho da atual Avenida Delfim Moreira, tendo como moldura o Morro Dois Irmãos sublinhado pelo Hotel Leblon, observa-se a incipiente ocupação do bairro. A ligação entre as praias do Leblon e da Gávea, iniciada particularmente pela família Niemeyer em 1916, foi inaugurada precariamente no governo de Paulo de Frontin (1919) - que a havia projetado - e concluída por Carlos Sampaio (1920/22). A "muralha", referida por Malta, já havia sido contornada, mas depois seria conquistada pelo túnel Dois Irmãos, pensado na gestão Negrão de Lima (1965/71) e inaugurado em meados da década de 1970. Entretanto, até hoje a natureza é ainda ameaçada por mirabolantes projetos como os da duplicação da Niemeyer e de uma nova ligação com São





LAGOA RODRIGO DE FREITAS

Malta, s/d (AGCRJ)

O perfil da lagoa foi sistematicamente sendo modificado desde 1778, data de seu registro cartográfico mais antigo (por João Francisco Roscio), ocasionando desequilibrios em seu frágil sistema ecológico. Não faltaram projetos e idéias - muitos espantosos como a de seu completo aterro - para solucionar

os problemas ambientais e de saneamento da lagoa, mas, de concreto, só o legado do aumento de solo criado às suas margens. A princípio em pontos isolados, porém, a partir do século XX, com retificações oficiais de maior vulto. Ainda hoje aterros ilegais roubam áreas de seu espelho d'água, que perdeu mais de um terço da área original.





- perfil de 180
- perfil de 188
- perfil de 193
- perfil de 196
- perfil atual

“PAPEL DE RELEVANTE IMPORTÂNCIA REPRESENTA, TAMBÉM, A AVENIDA PRESIDENTE VARGAS NA TRANSFORMAÇÃO QUE SERÁ OPERADA COM O DESAPARECIMENTO DE VELHAS CONSTRUÇÕES NO CENTRO URBANO, LEVANTADAS EM ACANHADOS TERRENOS, COM TESTADAS EXTREMAMENTE EXÍGUAS E NAS QUAIS SE ALIOU À MESQUINHEZ DA COMPOSIÇÃO ARQUITETÔNICA DAS FACHADAS A AUSÊNCIA QUASE COMPLETA DE ESPAÇOS LIVRES, ACARRETANDO NÃO SÓ O DESAGRADÁVEL ASPECTO DAS EDIFICAÇÕES MAS AINDA CONDIÇÕES EXTREMAMENTE PRECÁRIAS DE ILUMINAÇÃO E VENTILAÇÃO”.

ENG. HELIO ALVES DE BRITO
REVISTA MUNICIPAL DE ENGENHARIA (1944)

“É TÍPICO DOS GOVERNOS AUTORITÁRIOS O PROCESSO DE DEMOLIÇÃO DOS CENTROS HISTÓRICOS, AS INCHAÇÕES DOS BAIRROS PERIFÉRICOS, GERALMENTE COM O PREJUÍZO DAS CAMADAS SOCIAIS DE MENOR PODER AQUISITIVO, QUE PERDEM SUA MORADIA E SEU HABITAT NATURAL. ISTO OCORREU NA PARIS DE NAPOLEÃO III, NA ITÁLIA, NA ALEMANHA, NA RÚSSIA DA DÉCADA DE 1930 E ACABOU TAMBÉM OCORRENDO NO RIO DE JANEIRO DURANTE O REGIME DE EXCEÇÃO DO ESTADO NOVO”.

“(…) ASSIM COMO HAUSMANN TEVE A CORAGEM DE DESCARACTERIZAR O QUARTIER LATIN, BAIRRO MEDIEVAL DE UMA CERTA AUTONOMIA DENTRO DA GRANDE PARIS, RASGANDO-O COM O LARGO BOULEVARD SAINT-MICHEL, TAMBÉM NOSSO INTERVENTOR DO ESTADO NOVO, HENRIQUE DODSWORTH, NÃO HESITOU EM VARRER DO TRAÇADO DA NOSSA CIDADE HABITAÇÕES E MONUMENTOS RELIGIOSOS, NUMA CONQUISTA VORAZ DE ESPAÇO URBANO (…)

EVELYN FURQUIM WERNECK LIMA
AVENIDA PRESIDENTE VARGAS: UMA DRÁSTICA CIRURGIA (1990)

UMA NOVA AVENIDA PARA UM ESTADO NOVO

“Vão acabar com a praça onze, não vai haver mais escolas de samba, não vai, chora o tamborim, chora o morro inteiro...”

Herivelto Martins

Impunha-se rasgar uma nova avenida. Faça-se - determinou Vargas ao contemplar a sedutora perspectiva do conjunto, proposta pela Comissão do Plano da Cidade. Do ditatorial "vamos fazê-la" de 1938 à emblemática inauguração em 7 de setembro de 1944, muitos foram os estudos técnicos embasando a intervenção e as reações da população expulsa, pouco documentadas devido à censura do DIP (Departamento de Informação e Propaganda) aos meios de comunicação.

Se por um lado a cidade passou a contar com uma ampla e direta ligação Zona Norte/Centro - desejada desde a época de D. João VI -, por outro perdeu expressivos marcos de sua trajetória no tempo. As setecentistas igrejas de São Domingos, do Senhor Bom Jesus do Calvário, de Nossa Senhora da Conceição, além da jóia barroca polilobada de São Pedro dos Clérigos, o Paço Municipal (reformado e ampliado em 1935) e a Escola Benjamin Constant (marco educacional do Império) somaram-se a um vasto e singelo casario de matriz luso-brasileira, que remetia aos tempos coloniais, dando a medida da enorme perda para a memória da cidade. E o que falar da Praça Onze, reduto da boemia e do Carnaval cariocas, tão popularmente presente que, passados sessenta anos de seu desaparecimento, o lugar mantém ainda o nome?

A obra, que convulsionou a cidade, entretanto, não alcançou, do ponto de vista imobiliário, o sucesso esperado, pois ainda hoje muitos dos terrenos não foram ocupados. As empenas cegas de fundos e laterais de lotes dão à avenida um caráter de "não cidade" - ou território não ocupado -, impressão que se amplifica onde o poder público não postou seus imensos símbolos, na tentativa ineficaz de "puxar" sua ocupação.





PRÉDIOS A SEREM DEMOLIDOS VISTA PARA O MAR

s/a, 14/08/1940 (AGCRJ)

Quarteirões das ruas General Câmara e de São Pedro, entre a Praça da República e o Cais da Alfândega, demolidos para a abertura da avenida, vendo-se em primeiro plano a Escola Rivadávia Correia (ainda existente) e o Palácio da Prefeitura; no alto, a Igreja da Candelária.

PRÉDIOS A SEREM DEMOLIDOS VISTA PARA O INTERIOR

s/a, s/d (AGCRJ)

Quarteirões das ruas Visconde de Itaúna e Senador Euzébio, entre as praças da República e Onze de Junho, demolidos para a abertura da avenida, vendo-se no alto a Igreja de Santana.

ABERTURA DA AVENIDA PRESIDENTE VARGAS

s/a, 08/09/1942 (AGCRJ)

Foram demolidos cerca de mil prédios residenciais e comerciais para a abertura da avenida. Toda uma imensa parcela da população, de um momento para outro, perdeu seus valores e



ABERTURA DA AVENIDA PRESIDENTE VARGAS
s/a, 14/10/1941 (AGCRJ)

Demolição de prédios para a abertura da avenida, vendo-se ao fundo o edifício da Central do Brasil, ainda em construção. Os lotes estreitos e profundos, testemunhas do sacrifício na conquista de espaço aos mangues e alagadiços, caros e, portanto, ocupados inteiramente, darão lugar a uma relação mais equilibrada entre largura e profundidade. Entretanto, 57 anos depois, a avenida não foi totalmente ocupada.

AVENIDA PRESIDENTE VARGAS
s/a, 28/08/1944 (AGCRJ)

A avenida, pouco antes de sua inauguração, já aberta e em fase de finalização de sua implantação viária, expõe sua escala monumental, totalmente diversa das acanhadas ruas, de gênese colonial, daquela parte da cidade na qual se inseriu.

AVENIDA PRESIDENTE VARGAS
s/a, 1950 (AGCRJ)

Nesta tomada aérea, à partir da orla, a confirmação de que a ocupação da avenida pelos grandes prédios

IGREJA DE SÃO PEDRO DOS CLÉRIGOS

Marc Ferrez, s/d (AGCRJ)

Datada de 1733 e com traço atribuído ao coronel José Cardoso Ramalho, a pequena jóia barroca de planta polilobada e interior rococó foi demolida, apesar das diversas súplicas em seu favor feitas por técnicos e estudiosos. A possível salvação teria sido através de seu deslocamento para o interior de uma das novas quadras, junto à Rua Miguel Couto.

PRAÇA ONZE DE JUNHO

Malta, s/d (AGCRJ)

Nascida Largo do Rossio Pequeno, em meados do século XIX, recebe no século seguinte seu nome definitivo, Praça Onze de Junho, em referência à vitoriosa Batalha do Riachuelo, na Guerra do Paraguai. Perdida com a abertura da Avenida Presidente Vargas, sua importância na memória é tamanha - pois, juntamente com a Pedra do Sal, na Saúde, foi um dos berços do samba e do Carnaval cariocas - que a área do entorno ao local de origem responde pela mesma denominação.

PAÇO MUNICIPAL À DIREITA

Malta, s/d (AGCRJ)

O Palácio da Prefeitura foi projetado pelo discípulo de Grandjean de Montigny, José de Souza Monteiro, em 1875. Recebeu melhorias nos tempos de Pereira Passos e grandes ampliações na administração Prado Júnior, que lhe acrescentou em 1935 - apenas cinco anos antes de sua demolição para a abertura da Avenida Presidente Vargas - um pavimento a toda volta, além de anexo.





Palácio da Prefeitura

“NADA DO QUE ATÉ HOJE VI É COMPARÁVEL EM BELEZA A ESTA BAÍA. NÁPOLES, O ESTUÁRIO DO FORTH, O PORTO DE BOMBAIM E TRICOMALI, CADA UM DOS QUAIS EU JULGARA PERFEITO EM SUA BELEZA, TODOS DEVEM CEDER O LUGAR A ESTA BAÍA, QUE EXCEDE A CADA QUAL EM SUAS PECULIARIDADES. SOBERBAS MONTANHAS, PENEDOS EM COLUNAS SUPERPOSTAS, VEGETAÇÃO LUXURIANTE, ILHAS CLARAS E FLORIDAS, PRAIAS VERDES E TUDO ISTO COMBINADO AO CASARIO BRANCO: CADA MORRO COROADO POR SUA IGREJA OU FORTALEZA, NAVIOS ANCORADOS OU A SE MOVEREM E NUMEROSOS BOTES A VELEJAREM NUM CLIMA DELICIOSO, CONJUGAM-SE PARA TORNAR O RIO DE JANEIRO O MAIS ENCANTADOR CENÁRIO QUE A IMAGINAÇÃO PODE CONCEBER”.

MARIA GRAHAM
DIÁRIO DE UMA VIAGEM AO BRASIL (1821)

“ENTRE PARÊNTESES, NÃO SE PENSE QUE SOU OPOSTO A QUALQUER IDÉIA DE ATERRAR PARTE DE NOSSA BAÍA. SOU DE OPINIÃO QUE TEMOS BAÍA DE MAIS. O NOSSO COMÉRCIO MARÍTIMO É VASTO E NUMEROSO, MAS ESTE PORTO COMPORTA MIL VEZES MAIS NAVIOS DOS QUE OS QUE ENTRAM AQUI, CARREGAM E DESCARREGAM, E PARA QUE HÁ DE FICAR INÚTIL UMA PARTE DO MAR? CALCULEMOS QUE SE ATERRAVA METADE DELE; ERA O MESMO QUE ALARGAR A CIDADE. SUAS NOVAS, CASAS E CASAS, TUDO ISTO RENDIA MAIS QUE A SIMPLES VISTA DA ÁGUA MOVEDIÇA E SEM PRÉSTIMO”. “(...) SE TENDES IMAGINAÇÃO, FECHAI OS OLHOS E CONTEMPLAI TODA ESSA IMENSA BAÍA ATERRADA E EDIFICADA. A QUESTÃO DO CORTE DO PASSEIO PÚBLICO FICAVA RESOLVIDA: CERCAVA-SE-LHE O PRECISO PARA ALARGAR A RUA, OU ELIMINAVA-SE TODO, E AINDA FICAVA ESPAÇO PARA UM PASSEIO PÚBLICO ENORME. QUE METRÓPOLE! QUE MONUMENTOS! QUE AVENIDAS! GRANDES OBRAS, UMA ESTRADA DE FERRO AÉREA ENTRE LAJE E MAUÁ, OUTRA QUE FOSSE DA ATUAL PRAÇA DO MERCADO A NITERÓI, ILUMINAÇÃO ELÉTRICA, AQUEDUTOS ROMANOS, UM TEATRO LÍRICO, ONDE ESTÁ A ILHA FISCAL, OUTRO NAS IMEDIAÇÕES DA IGREJINHA DE SÃO CRISTÓVÃO, DEZ OU QUINZE CIRCOS PARA APERFEIÇOAMENTO DA RAÇA CAVALAR, ESTÁTUAS, CHAFARIZES, PISCINAS NATURAIS, ALGUMAS RUAS DE ÁGUA PARA GÔNDOLAS VENEZIANAS, UM SONHO”.

MACHADO DE ASSIS
PROJETO TOTAL DE ATERRO DA BAÍA (1894)

E O MAR VIROU JARDIM

*“Quero um som de fossa da dolores,
uma valsa do Orestes, o zunzum dos cafajestes,
um bife lá no lamas, cidade sem aterro,
como deus criou”.*

Chico Anísio e Nonato Buzar

Reduzidos a uma simples questão técnica de circulação, os problemas gerados pelo crescimento urbano carioca foram atacados, preferencialmente, do ponto de vista viário. Data das décadas de 1950/60 a opção pelas grandes obras viárias como forma de resolver ou minimizar as contradições sociais decorrentes das políticas urbanas anteriores. Surgem então, em toda a cidade, mas, principalmente, nas zonas Centro, Sul, Norte e da Leopoldina, vias expressas, túneis e viadutos.

O desmonte do Morro de Santo Antônio (iniciado em 1952) serviu para o aterro da grande área adjacente à Avenida Beira-Mar - feita por Pereira Passos e já insuficiente para o volume de tráfego - que viria a se tornar o Aterro do Flamengo (Parque Brigadeiro Eduardo Gomes).

A destruição provocada pela obra do Aterro contabilizou perdas paisagísticas e afetivas irreparáveis, como o Morro de Santo Antônio e seu casario. E trouxe mais um afastamento do carioca do mar, com o fim da sinuosa linha d'água junto aos prédios, entre o Aeroporto Santos Dumont e Botafogo, tão firmemente ligada aos esportes náuticos, ao chope dos pavilhões Mourisco e de Regatas e aos passeios na Praia do Flamengo.



À ESQUERDA

MORRO DE SANTO ANTÔNIO

Malta, 26/10/1920 (AGCRJ)

Localizado na Avenida Rio Branco, o prédio do Jornal do Brasil - de cujo terraço foi tirada esta foto - era um dos mais altos à época na cidade. Ele voltava seus fundos para as ruas Gonçalves Dias e Uruguaiana, da qual vemos o eixo tendo à esquerda o Hospital da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, parcialmente demolido, que marca a esquina com a Rua da Carioca. No centro da foto, o Convento e o Morro de Santo Antônio; e ao fundo o Corcovado, ainda sem o Cristo.

MORRO DE SANTO ANTÔNIO

s/a, s/d (AGCRJ)

Visto da altura do Campo de Santana, o morro é antecedido pela Praça Tiradentes e tem a emoldurá-lo os arranha-céus da Rio Branco e da Esplanada do Castelo; à direita, o prédio da Mesbla, ainda sem o acréscimo da década de 1950.

MORRO DE SANTO ANTÔNIO

s/a, s/d (AGCRJ)

Já demolido e antes das obras de abertura da Avenida Chile, o morro é visto da altura da Praça Tiradentes, tendo à esquerda o eixo da Rua da Carioca e a emoldurá-lo os arranha-céus da Rio Branco e da Esplanada do Castelo; ao fundo o Aeroporto Santos Dumont e a Baía de Guanabara.

À DIREITA

DESMONTE DO MORRO DE SANTO ANTÔNIO

s/a, s/d (AGCRJ)

A sistematização das obras de desmonte do morro, iniciadas anteriormente, data de 1952, no governo Dulcídio Cardoso. Entretanto, só tomariam vulto com a criação da SURSAN (Superintendência de Urbanização e Saneamento), já na administração Negrão de Lima (1956/58). A SURSAN seria responsável pela execução de um plano de realizações que incluía, entre outras, as obras das avenidas Norte-Sul (Avenida Chile), Radial-Oeste, Radial-Sul, Beira-Mar (na faixa do novo aterro litorâneo), Perimetral e os túneis Santa Bárbara e Toneleros, além de saneamento e canalização de rios.

DESMONTE DO MORRO DE SANTO ANTÔNIO

s/a, s/d (AGCRJ)

O início da implantação da Avenida Norte-Sul (Chile), inaugurada em 1959, limitada pelo eixo da Rua do Lavradio e tendo o prédio da Polícia Central ao fundo. A nova avenida com os grandes terrenos à espera dos prédios símbolos do governo federal - sedes da Petrobrás, do BNDES e do BNH -, além da nova catedral, numa prática urbana de ocupação pré-iniciativa privada, que o exemplo da Presidente Vargas já demonstrara improdutiva e a transferência da capital para Brasília acabou por esvaziar.

MERCADO MUNICIPAL DA PRAÇA QUINZE

s/a, s/d (AGCRJ)

O Mercado Municipal da Praça Quinze de Novembro foi o maior exemplar da "arquitetura do ferro" montado no Brasil. Projetado por Alfredo Azevedo Marques, tinha 150m de lado e compunha-se por 24 pavilhões trapezoidais simples, além de cinco pavilhões octogonais (um central e quatro nos vértices de sua planta quadrada)





MORRO DA VIÚVA À ESQUERDA

s/a, s/d (AGCRJ)

A orla de Botafogo e Flamengo, ainda sem o aterro, com o Morro da Viúva em destaque. O Parque do Flamengo surgiu na área aterrada adjacente à Avenida Beira-Mar - entre o Aeroporto Santos Dumont e a Enseada de Botafogo -, com o material proveniente do desmonte do Morro de Santo Antônio, consolidando a ligação rápida por vias expressas entre o Centro e a Zona Sul. Fruto da paixão de Maria Carlota "Lota" de Macedo Soares, sua idealizadora, e sob o comando do primeiro governador da Guanabara, Carlos Lacerda (1960/65), o parque foi executado em meio a intensas disputas de poder entre seu Grupo de Trabalho e a SURSAN.



ÁREA ATERRADA PARA O PARQUE DO FLAMENGO

s/a, s/d (AGCRJ)

A área aterrada serviu inicialmente para um grande estacionamento. O Monumento aos Mortos da II Guerra, em construção, e o MAM ajudaram a limitar o projeto da área do Aterro, feito pelo Grupo de Trabalho do Parque do Flamengo, composto de especialistas nas áreas de urbanismo, arquitetura, paisagismo, engenharia, botânica e educação (Affonso Eduardo Reidy, Jorge Machado Moreira, Sergio Bernardes, Burle Marx, Berta Leitchic e Luiz Emigdio de Mello Filho, entre outros) comandados pela onipresente D. "Lota".



PARQUE BRIGADEIRO EDUARDO GOMES

s/a, s/d (AGCRJ)

Contando com área de 1 milhão 200 mil m², o Aterro do Flamengo possui museu, teatro de marionetes, coreto, espaços para aeromodelismo e nautimodelismo, quadras polivalentes de esporte, playground, jardins, uma praia artificial de 1.500m de extensão e campos de futebol.

"...Se o Parque do Aterro não tivesse mais nada, nada - só os campos de pelada lhe justificavam a existência. Pois ali é que vão se criar os nossos campeões do futuro. É onde eles se sentem realizados, - brasileiros eufóricos, benza Deus".

Rachel de Queiroz

TÚNEL DO LEME

s/a, s/d (AGCRJ)

O segundo túnel de Copacabana, inaugurado em 1906 unindo as avenidas Wenceslau Braz e Princesa Isabel, foi chamado de "Novo" em oposição ao primeiro, "Velho", de 1892, que liga as ruas Real Grandeza e Figueiredo Magalhães. O Túnel Novo ajudou, junto a outras medidas administrativas, a definir o padrão inicial de ocupação do bairro, destinado à elite que buscava a salubridade que a cidade, antiga e infecta, segundo a propaganda da época, não podia proporcionar. Atendendo à crescente demanda por melhor acesso, o Túnel Novo foi duplicado na gestão Dodsworth (1937/45), seguindo-se a isto a construção dos túneis do Pasmado (1948), Sá Freire Alvim (1960) e



“AH! SIM, AS RUAS TÊM ALMA! HÁ RUAS HONESTAS, RUAS AMBÍGUAS, RUAS SINISTRAS, RUAS NOBRES, DELICADAS, TRÁGICAS, DEPRAVADAS, PURAS, INFAMES, RUAS SEM HISTÓRIA, RUAS TÃO VELHAS QUE BASTAM PARA CONTAR A EVOLUÇÃO DE UMA CIDADE INTEIRA, RUAS GUERREIRAS, REVOLTOSAS, MEDROSAS, EPILÉTICAS, ESNOBES, RUAS ARISTOCRÁTICAS, RUAS AMOROSAS, RUAS COVARDES QUE FICAM SEM PINGA DE SANGUE...”

JOÃO DO RIO (PAULO BARRETO)
A ALMA ENCANTADORA DAS RUAS (1908)

O HUMOR NA DESTRUIÇÃO

Concluimos essa mostra com uma seleção de charges que artistas da época criaram, entre 1893 e 1921, para fixar, através de seus desenhos, o cômico que a nossa realidade urbana lhes inspirava.

Isto prova que o senso de humor atravessa décadas, perpassa a vida nacional, manifestando-se na sátira política e na crítica de cenas do cotidiano, extraindo delas o grotesco que elas sugerem, fazendo brotar o riso ou mesmo o esboço de um sorriso. O traço dos caricaturistas captou, na agitada convivência dos contrastes, o inusitado, o inacreditável, o insólito dos fatos que a população carioca presenciava, manifestando-se de forma entusiástica, passiva, reivindicadora ou turbulenta diante da ação remodeladora de seus prefeitos, que erguiam e punham abaixo, abriam, demoliam e aterravam, num piscar de olhos, casarios, avenidas, ruas, morros, rios e baías.

O Rio de Janeiro, que surgia a cada dia renovado, louvado por uns e execrado por outros, não escapou à atilada percepção dos nossos humoristas, que retiraram dessas situações o que nelas havia de ridículo, risível ou condenável, revestindo-as da mordacidade que faz da charge um misto de arte, entretenimento e instrumento de denúncia.

Sandra Horta
Diretora de Pesquisa AGCRJ (2002)



Cabeça de porco

Éra de ferro a cabeça. De tal poder infante. E a... se bem vos pareça. Não se ser de grante.

No seu bojo secular. De forças devastadoras. Viviam sempre a bailar. Furtivos e metralhadoras.

Por isso vossa tranqueira. Dos poderes temerosos. Como um leão cho de fila. Humilhando poderosos.

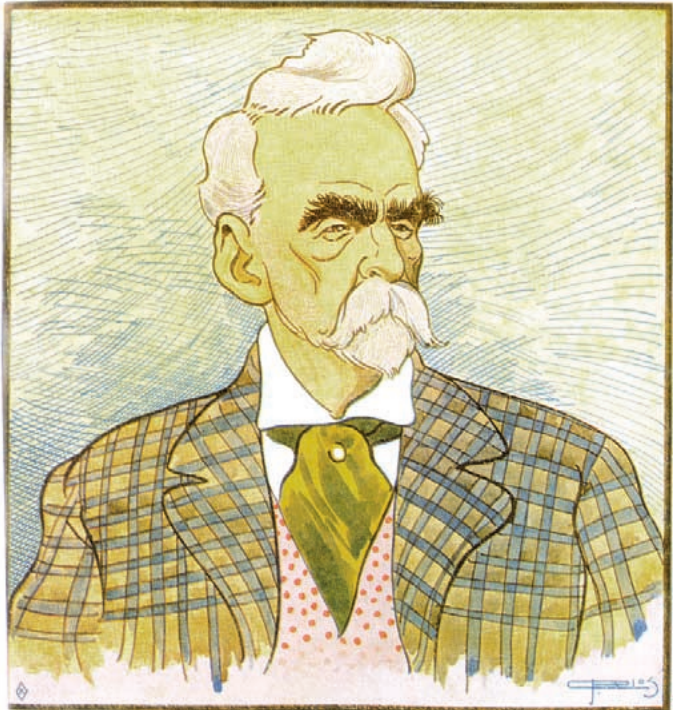
Mas eis que um dia a cabeça. Deu-lhe na litta, abraçat-a. E assim foi sem falarai-a. Noano, até devorat-a.

O CABEÇA DE PORCO
 Revista Illustrada, fevereiro de 1893 (AGCRJ)

A demolição do cortiço Cabeça de Porco teve na língua e no traço afiadados de Angelo Agostini este precioso registro: "...Quem suporia que uma barata fosse capaz de devorar uma cabeça de porco em menos de quarenta e oito horas? Pois devorou-a alegremente, com ossos, peles e carne: sem deixar vestígio. E só assim a secular cabeça, que derrubou ministérios, fez as delícias do Conde d'Eu e as glórias da barbada e respeitável D. Felicidade Perpétua de Jesus, deixou de ser, sob o domínio impiedoso de uma barata!..."

PEREIRA PASSOS, PAULO DE FRONTIN E LAURO MÜLLER
 O Malho, 16/07/1904 (AGCRJ)

Os três grandes auxiliares da administração Rodrigues Alves na modernização do Rio de Janeiro.

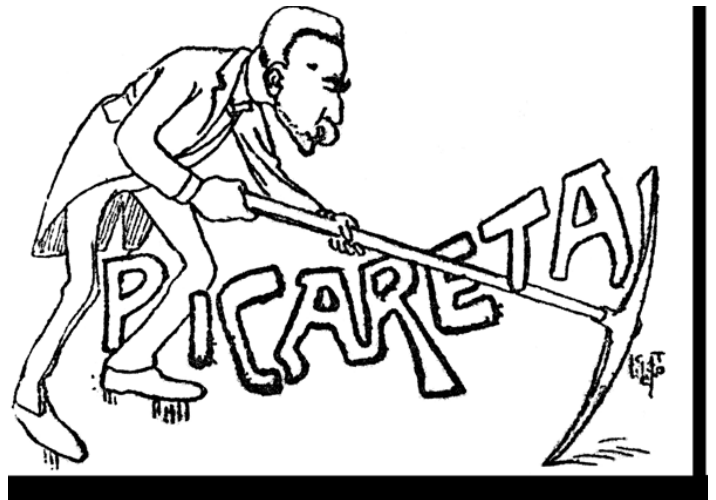


AS PROPRIEDADES E A AVENIDA



Isto é protesto! Isto é um atentado á propriedade.
A sua propriedade é impropria... para figurar numa avenida.

O Malho, 11/07/1903 (AGCRJ)



O Picareta - Charge de J. Carlos, Revista Rio de Janeiro, agosto de 1986
(AGCRJ)

Passos — vai tudo raso! Metto a picareta nos negociantes da rua da Uruguyana e em todos que não se mudarem em cinco dias! Nada, que si eu não fizer assim passa-me a perna o Frontin...

- DEPRESSA! DEPRESSA!



Caricatura de Kalixto, O Malho 18/03/1905 (AGCRJ)



"Zé Povo: — Abençoado Passos, que me deste uma das primeiras avenidas marítimas do mundo! Avenida de onde se goza o espectáculo surpreendente da formosa Guanabara! Cinta elegantíssima desta cidade maravilhosa! Caminho amplo e limpo, onde não se encontra o vulto revoltante de um kiosque! Eu te saúdo! . . ."

O Malho 24/11/1906 (AGCRJ)



Em Copacabana. — FRONTIN — Devagar, devagar. Nos vamos ajustar contas.

Lá se vão as relíquias



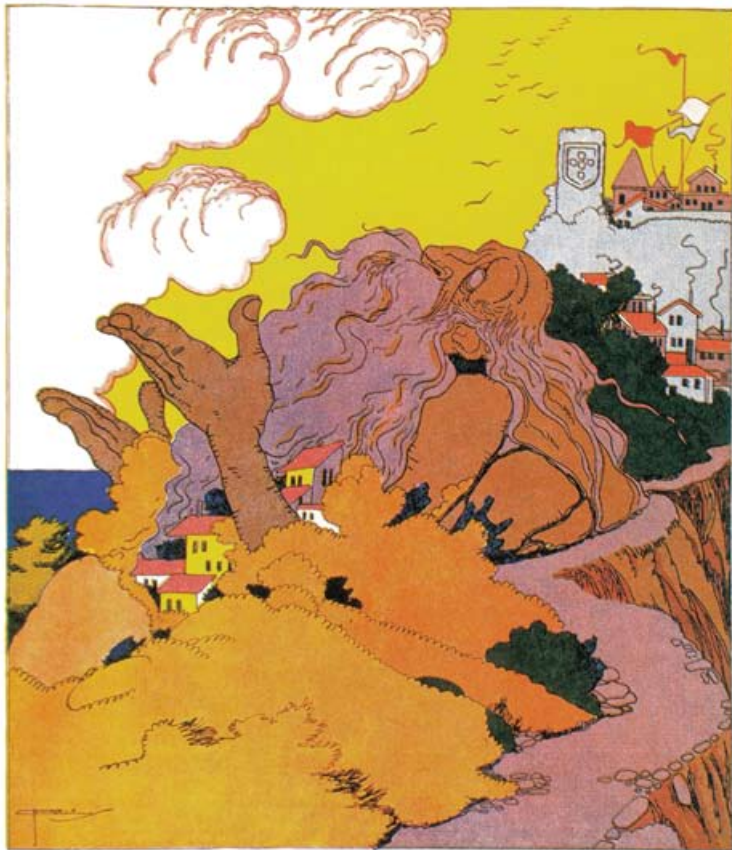
— Não devemos consentir! Isso é um paiz sem tradições! Já acabaram com a rua da Valla; a rua do Canno; a rua dos Latoeiros; a rua do Piolho etc. etc.!

Charge de J. Carlos, Revista Careta 16/10/1920 (AGCRJ)



O CENTENARIO. — O abre alas, que eu quero passar!

Charge de J. Carlos, Revista Careta 06/11/1920 (AGCRJ)



Lamurias do Castello

— ... E com a minha terra, Senhor, elles vão encher o sacco da Gloria!

Charge de J. Carlos, Revista Careta 20/11/1920 (AGCRJ)

O periodo aureo



— A Prefeitura agora vai nadar em ouro.
— Como?
— Pois então! Vão dissolver as reliquias enterradas no Castello.

Charge de J. Carlos, Revista Careta 26/03/1921 (AGCRJ)

O salso elemento



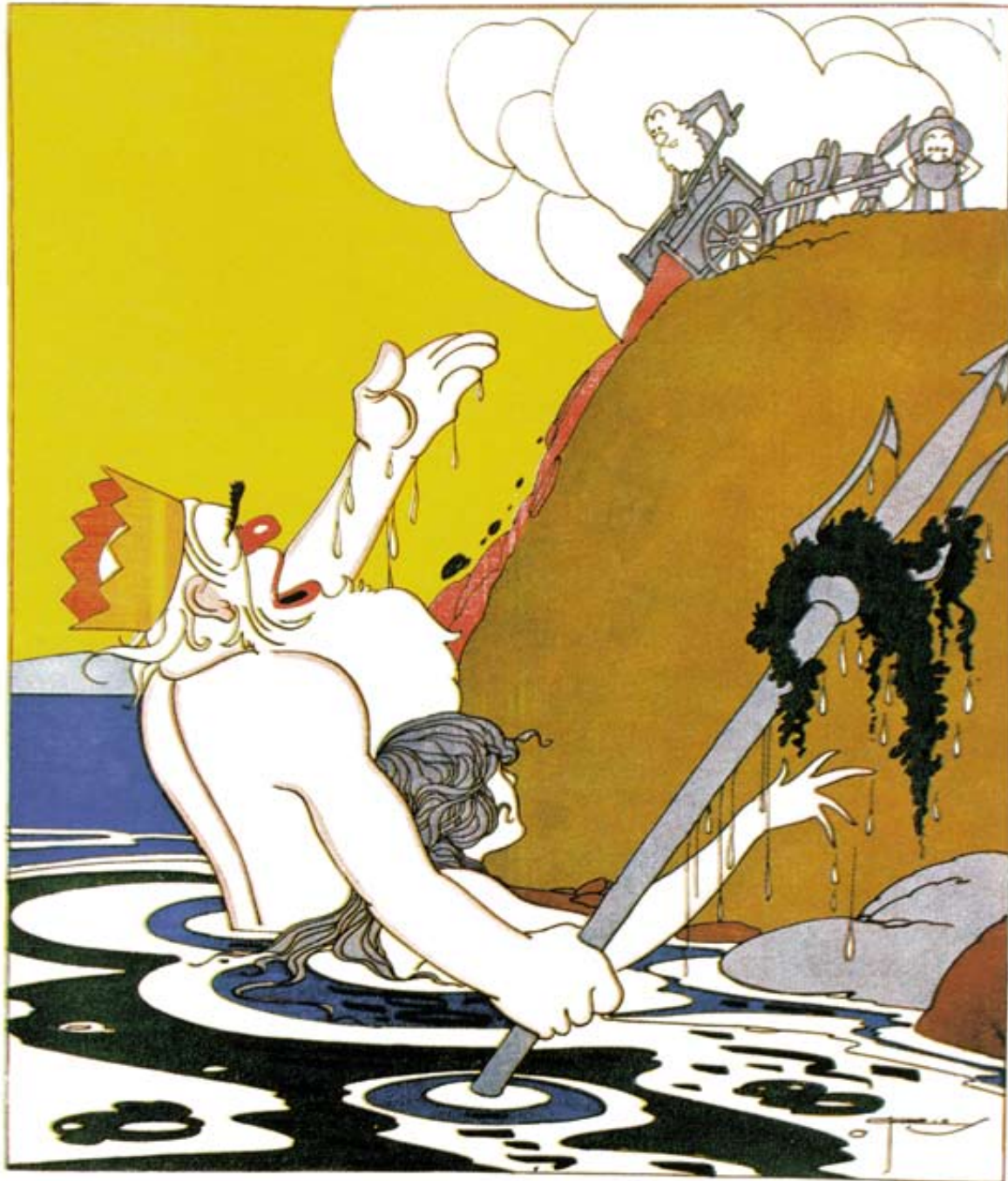
A GUANABARA — Senhor! Querem me sepultar sob a terra do Castello!

NEPTUNO — Não te afflijas, rapariga. Num dos meus dias de ressaca, eu faço um estrago.

16
Julho
1921

Careta

Num.
682
Ano XIV



OS EXTREMOS SE TOCAM

NEPTUNO — Mas, que é isso?

CENTENARIO — E' uma recta entre o Calabouço e a Gloria.

E' proibida a passagem



O GAROTO — Eu tô *tabaiando* nas obras do morro do Castelo.

Charge de J. Carlos, Revista Careta 12/11/1921
(AGCRJ)

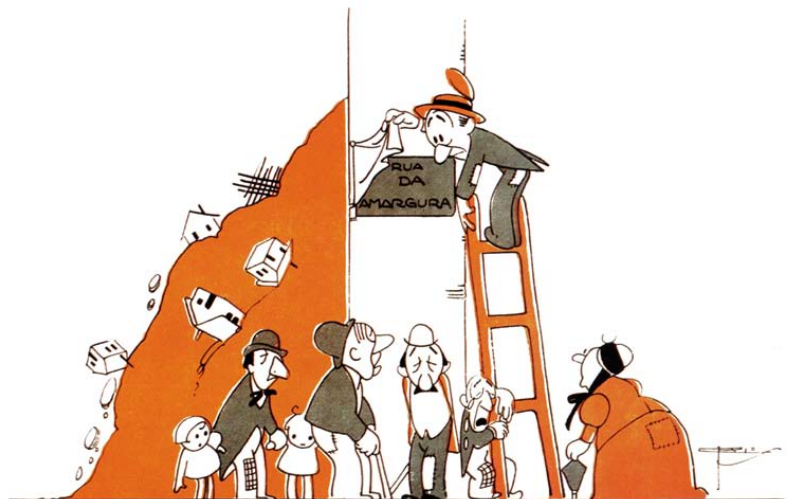
Delenda Castello de lenda



La vai tudo... por agua a baixo.

Charge de J. Carlos, Revista Careta 02/04/1921
(AGCRJ)

Os "sem tecto"



A inauguração solemne da placa da rua da Amargura.

Charge de J. Carlos, Revista Careta 15/11/1921
(AGCRJ)

MEMÓRIA DA DESTRUIÇÃO

RIO - UMA HISTÓRIA QUE SE PERDEU

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Cesar Maia

SECRETARIA DAS CULTURAS

Ricardo Macieira

DEPARTAMENTO GERAL DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO CULTURAL

Antonio Olinto

ARQUIVO DA CIDADE

Antonio Carlos Austregésilo de Athayde

Assistente do Arquivo da Cidade

Maria Julieta Simão Prates

Diretora da Divisão de Documentação Escrita e Especial

Domicia Gomes

Diretora da Divisão de Apoio Técnico

Rita de Cássia de Mattos

Serviço de Documentação Especial

Regina Vilma F. Corrêa (Chefe)

Maria Amélia Lemos

Serviço de Documentação Escrita

Marley Souza Lopes

Diretora da Divisão de Pesquisa

Sandra Horta

Chefe do Serviço de Biblioteca

Elza Elena Pinheiro dos Santos

Chefe de Serviço de Portaria e Zeladoria

Vania Carmo do Nascimento

Apoio Administrativo

Maria da Glória Borsoi

Letícia Candido Nonato

Maria Lemos

Coordenação Geral da Exposição

Sandra Horta

Texto, Legendas e Revisão

Alberto Taveira

Eulalia Junqueira

Pesquisa Iconográfica

Alberto Taveira

Eulalia Junqueira

Lucia Pacini

Paulo Roberto de Araujo Santos

Rosa Maria Dias

Reprodução Fotográfica

Marco Belandi

Reprodução Digitalizada das Imagens

Luciano Jesus de Souza

Revisão de Texto

Diva Maria Graciosa

Produção Executiva

Elizabeth Tezza Loboda

Estagiárias

Amanda Patrícia dos Santos Marques

Julia Wagner Pereira

Maria Augusta André

Rosângela da Silva Calvet

Criação, Ambientação e Design

Beto Martins

Designers Assistentes

Ana Gabriela Rocha

Maria Rocha Miranda

Equipe de Produção e Técnica

Sarau Agência de Cultura Brasileira

Direção de Produção

Ana Luisa Lima

Andrea Alves

Coordenação de Produção

Adriana Fernandes

Assistente de Produção

Leila Dantas

Coordenação Cenotécnica

Saulo Medeiros

Sidnei Medeiros

Montagem

Wanderley Lima

Bruno Vasconcellos

Marcio Salvador

Projeto de Luz

Rogério Wiltgen

Plotagem

Fotosfera

Os edifícios antigos não nos pertencem. Em parte, são propriedades daqueles que os constróem; em parte, das gerações que estão por vir. Os mortos ainda têm direitos sobre eles; aquilo por que se empenharam não cabe a nós tomar.

John Ruskin

